

OS
AGUDÁS:
do Brasil 
para a África



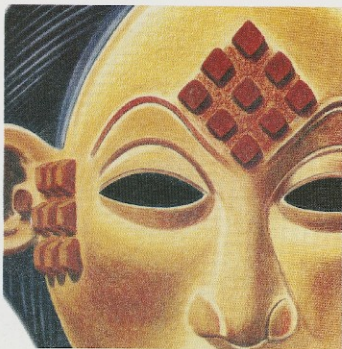
Maria
Laura
de Oliveira
Gomes*

O escritor simbolista João da Cruz e Souza descreveu a África, em seu magnífico texto em prosa “O Emparedado”. Utilizou, para isto, das imagens mais representativas do mundo afetivo dos seus antepassados: (...) *alma de trevas e de chamas* (...) *África dos suplícios sobre cuja cabeça* (...) *Deus arrojou toda a peste letal e tenebrosa das maldições eternas.*

*Professora do Departamento de Ciências Jurídicas, pesquisadora do Káwé - UESC

A matriz desse imaginário, a África, continua sendo retroalimentada permanentemente no imaginário coletivo, como foi demonstrado no documentário **Atlântico Negro: na rota dos orixás**. Este vídeo propicia que as noções tradicionais de espaço e tempo, comuns às narrativas convencionais, sejam rompidas em favor da construção de um novo espaço do saber. Um saber compartilhado, fruto da inserção de novos conceitos e sujeitos históricos no processo de comunicação. Nessa modalidade de linguagem, outra realidade da África pode ser concebida e reelaborada, em virtude da sensibilidade estética de cada espectador, observando que não se pode apenas vê-la através do olhar de dor e tragédia, mas por um diálogo fecundo que permitiu aos escravizados mostrar não só o lado da resistência, mas também o lado da ludicidade e da alegria.

Para muitos dos afro-brasileiros, numa perspectiva atual, a África, apesar das mazelas existentes, já não é vista numa perspectiva tão dramática como outrora, configurando-se como referência positiva através da função mítica que representa, passando a ser um paradigma relevante para aqueles que buscam, no aparente silêncio e resignação dos seus filhos, escravos ou descendentes, o exemplo mais edificante de uma convivência social tolerável. Mesmo sob o manto da humilhação aos quais estavam submetidos, os escravos africanos espalhados por todos os cantos do mundo,



buscavam sublimar essa degradação física e moral, consolando-se com um bem maior de suas vidas: a imagem inseparável da África-mãe, África-matriz.

Evidentemente, os primeiros africanos, os que sofreram os horrores da escravidão, não podem ser comparados aos brasileiros mestiços de hoje, em virtude da historicidade de cada um. Entretanto, todos somos frutos de um mesmo destino, destino que une, mas que também exclui.

O Atlântico era o caminho, a rota negra da escravidão. Ritual de passagem entre dois mundos.

Os negros traziam a melancolia marcada indelevelmente nos rostos e também nos corações. Para simbolizar a saudade dos seus reinos distantes, como também a resignação exigida pelos seus senhores, os africanos, ao partirem dos portos de Benin, Angola, Senegal e

Moçambique, eram obrigados a circundar a *árvore do esquecimento*, cumprindo assim uma formalidade ritualística de renúncia ao passado. As mulheres davam sete voltas em torno da árvore e os homens o faziam por nove vezes, cumprindo assim o ritual impositivo de passagem, cujo objetivo era apagar as marcas indeléveis de suas nações ou tribos, das tradições e das suas respectivas culturas.

Esses estados africanos notabilizaram-se pelo tráfico de quase quatro milhões de negros embarcados, principalmente para o Brasil, Cuba e Venezuela, deixando para trás toda uma cultura, toda uma construção pessoal e coletiva. Esses seres eram trocados nos porões dos navios negreiros por quinilharias e badulaques sem valor econômico, já aniquilando-os inicialmente nessa barganha como verdadeiras coisas e, como tal, deveriam ser tratados. Neste regime escravagista colonial, predominava o antropocentrismo branco; por isso, todos os outros eram considerados ímpios e inferiores e, para que alcançassem o plano dos civilizados, deveriam assimilar as orientações vindas dos seus novos senhores.

Um dos traficantes de escravos mais importantes desse regime, aqui no Brasil, e o principal agente operacional do capital baiano foi o Vice-Rei Francisco Félix de Souza, que se tornou o I Xaxá, e também o homem mais rico do Daomé. A enorme influência econômica o torna o principal auxiliar do rei na organização do comércio de escravos,

tendo sua fama sido mitificada na Bahia e na África, e sua descendência assegurada nos quase cinco mil membros da família Souza que atuam na vida e no cotidiano desses lugares acima referidos.

Apesar de permanecer no imaginário coletivo uma visão quase dantesca da diáspora africana, pode-



Karibé



se hoje registrar um novo olhar sobre a vida e o cotidiano de alguns estados deste continente, a exemplo das cidades litorâneas do Benin, como Porto Novo e Lagos, onde os assentados denominados de Agudás, descendentes de antigos escravos da Bahia, retornados à África, muito contribuíram para o crescimento de uma influente elite intelectual que, desde cedo, se manifestou em termos nacionalistas.

As lembranças preservadas na memória dos afro-brasileiros não foram totalmente recuperadas pois, ao emprenderem a viagem de retorno a sua terra, passaram a ser conhecidos como povos intermediários, ou seja, ocupavam uma posi-

ção étnica entre negros e brancos, sendo até considerados por muitos como estrangeiros, apesar da perfeita integração com as várias etnias aí existentes. De volta, já não encontrariam as condições factuais deixadas pelos seus antepassados. Entretanto, por serem os herdeiros legítimos também da cultura brasileira, passaram a restabelecer o liame entre os dois povos, entre os dois continentes, sob a égide da mesma matriz, a África.

Os agudás levaram da Bahia para a África o culto ao Senhor do Bonfim. Assistir aos desfiles dos mesmos em Porto Novo e em Lagos, todos trajados de branco, em comemoração aos festejos de N. S.

do Bonfim é remontar também às tradições do povo baiano quando, em procissão ou cortejo, no terceiro domingo de janeiro, rendem homenagens ao padroeiro do Estado, numa cerimônia que consegue ser ao mesmo tempo religiosa e profana, refletindo de forma peculiar o traço comportamental do processo de miscigenação tão influenciado pela cultura africana.

Festejam também, no dia 02 de fevereiro, lá, em Benin, antigo reino de Daomé, o culto a Iemanjá, divindade que representa não só as águas, mas a feminilidade, o inconsciente e a maternidade e por isso, era muito homenageada pelos seus filhos com presentes que satisfizessem o seu lado vaidoso e feminino. Iemanjá continua a ser, no imaginário não só dos baianos, mas dos brasileiros em geral, a Rainha do Mar, Dona Janaína, e para os agudás, a Rainha do Atlântico, mãe de todos os peixes: mãe generosa que une os filhos que foram obrigados à separação: os da África e os do Brasil.

Outra convergência registrada e que permanece revitalizada entre eles é na festa da Burrinha, típica do folclore baiano e que assemelha-se ao Bumba-meu-boi, folguedo presente em todo o imaginário coletivo brasileiro, especificamente o nordestino. Segundo Mário de Andrade (1959: 69) "o Bumba-meu-Boi é a mais estranha, original e complexa das nossas danças dramáticas. É também a mais exemplar", inventando um mito originado em Macunaíma, como foi posto

por Marlyse Meyer (1993: 196). Todas as encenações e desdobramentos nesse folguedo popular referem-se àquela praça, espaço simbólico de representações, desenhada por Bakhtin, onde dialogicamente todos estabelecem relações significativas, seres reais e imaginários passam a viver o mundo carnavalesco e sem limites de fronteiras.

Assim, essa festa da cultura brasileira vai tomando as mais diferentes feições, variando quanto aos adereços, às representações, heróis, populares, bichos, à semelhança do que ocorre também no Benin e Lagos, com os assentados brasileiros remanescentes dos escravos africanos. Nestas datas comemorativas eles também teatralizam todas as situações de enredo, constitutivas do núcleo temático da festa e que são resultantes do eterno confronto patrão/vaqueiro; poderoso e desposuído; bran-



Karibé

co e preto, etc.

Retomo um exemplo citado por Meyer, do folclore alagoano (1993: 20), bastante ilustrativo da relação do branco e do preto, materializadas numa relação de mando e poder:”

Vá a toda a pressa Vaqueiro/traga com ele o Doutor / azeite bem as canelas / não demore por favor!

O negro custa a atender às ordens do Capitão que dá de chicote e lhe diz:

Olho de remela, / Beijo de gamela, / Venta de muela, Quebro-te a titela! Negro!

Mateus sai correndo(...)

Além dessas convergências culturais entre os agudás e brasileiros, demonstração viva do processo de retroalimentação de uma cultura fundamentalmente edificada na ancestralidade do povo africano, percebe-se nitidamente a transposição para as novas terras, dos elementos da fauna e flora brasileiras, bem como dos traços mais representativos da arquitetura baiana e que passam a povoar os frontispícios das igrejas, palácios, mesquitas e demais construções, já que eram exímios operários, construtores e urbanizadores dessa região litorânea.

Revalorizar o passado glorioso dos africanos é uma forma de minimizar os efeitos nefastos perpetrados sobre um povo, em nome do discurso do processo de coloni-

zação e, sobretudo, da falaciosa superioridade dos brancos frente aos negros. A contemporaneidade está nos possibilitando constatar que a África e a América Latina, continentes historicamente submeridos à escravidão, estão sendo as grandes fontes de inspiração e criatividade em todas as artes, alimentados por um imaginário rico e multifacetado, que só o processo de aculturação pode fornecer.

Antes, o nosso discurso era silenciado, na aparente resignação dos escravos e dos excluídos. Hoje, podemos ser centro e margem de qualquer discurso, pois a vida nos legou essa grande flexibilidade, essa dupla articulação de viver. A História está a reparar os seus erros; realinhando rotas e reagrupando raízes que foram dispersas, em nome de um projeto colonialista, por vezes, aniquilador.

Bibliografia

- ANDRADE, Mário. *Danças dramáticas do Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1959.
- ARROYO, Leonardo. *A cultura popular em Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Ed. Univ. São Paulo, 1993.
- SOUZA, J. Cruz. *O Emparedado*. Rio de Janeiro: Aguilã, 1975.
- VIDEOGRAFIA ITAÚ CULTURAL. *Atlântico Negro: Na Rota dos Orixás*

